



Dr. Alberto Pinheiro Torres

Distincto jornalista, orador brilhantissimo e leader do Centro Catholico na Camera dos Deputados.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR e EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$500.

Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador, accresce o importe das despesas.

Extrangeiro—Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 271

Braga, 7 de setembro de 1918

Anno VI

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

—O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de malestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

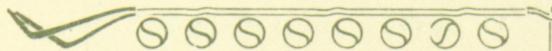
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freita Peis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochy de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella de jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos mehores e com aotamento de... pharmacies mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retredo jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



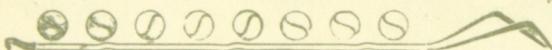
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

Vago

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

Bons resultados nos exames e
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

F.º José Maria dos Santos

PREVENÇÃO

Aproxima-se o inverno!

Querem prevenir-se contra constipações, bronchites, influezas etc?
Comprem

Ponche Rei de Siam

A' venda nas principaes casas e no Deposito Geral. Largo da Formiga 24—Porto, Viuva Jayme d'Albergaria.

CENTRO DE
BIBLIOTECA GERAL
Reg. Nº. Cota
Data: 14/11/1905 166E
UCP-BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

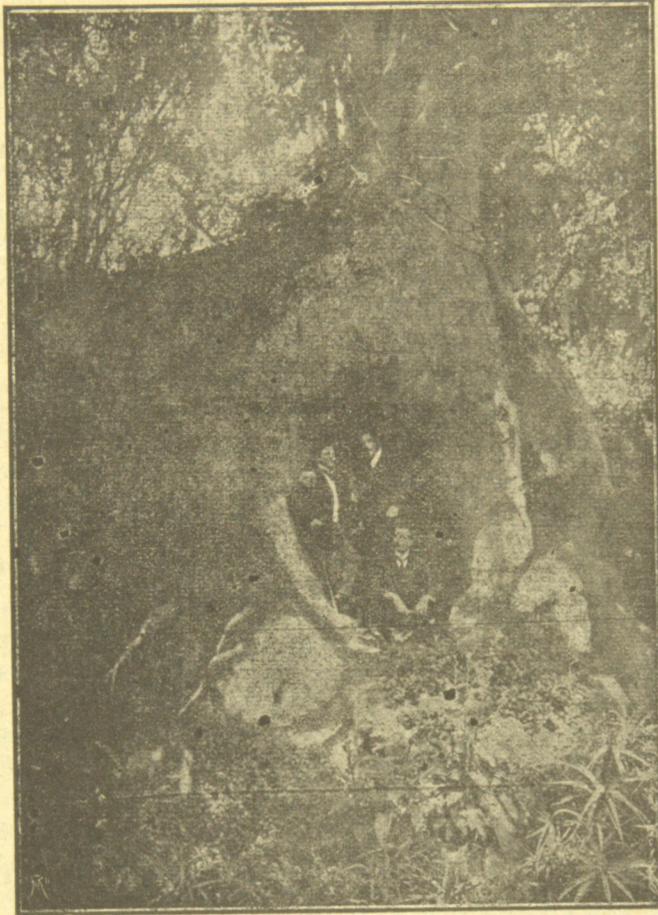
Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso
EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 7 de Setembro de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 271—Anno VI



Ponta Delgada—Tronco secular no jardim do sr. José do Canto.

Universidade Católica Portuguesa
BIBLIOTECA
FACULDADE DE TEOLOGIA
BRAGA



OM hora e meia de caminho a sol descoberto, o que tanto monta dizer moído e bem moído, estava eu encostado ao balcão da loja, esperando-me aviassem umas compras (não ha mais prosaica abertura de chronica, do que e ta, meus senhores!) quando meus o hos poidos de ler gazetas, cabiram fagitados em cima de uma com os seguintes requisitos:

- 1.º—pequeno formato;
- 2.º—democratica como certo orelhudo teimoso;
- 3.º—dirigida por um medico;
- 4.º—publicada semanalmente, ás quintas feiras.

Eu sabia que o conselho não fóra indenne á epidemia das luminarias radicais, o ejaculatorio das bills mais ou menos verdes e das voracidades mais ou menos azues dos cidadãos di-persos aos quatro ventos da região para tormento da gente trabalhadora e ordeira.

Offerecido o ensejo de sondar a mentalidade d'este grupo de sequazes do democratismo nacional, logo o aproveitei de cendo os degraus do artigo do fundo —um decalco do *Munio*, contra o parlamento actual— abanando em seguida uns *sueltos* que soaram a óco, e passando rapida revista pelos restantes artiguêlhos que findavam n'um elogio á *Montanha*. Ora foi durante essa rapida revista que topei com a mesma transcripção de um resumo *ad hoc*, do ultimo censo demografico da capital da republica, relativo a 1911, no capitulo eminentemente suggestivo das adjectivações religiosas dos habitantes de Lisboa no anno immediato ao da proclamação do regime, e quando a lei de separação já fóra atrada como um pedregulho esmagador e insusceptivel á broca, contra a consciencia do paiz.

Li-o, reli-o e, com licença do dono da casa, metti a gazeta ao bolso meditando mandal-a aos leitores d'estas chronicas. Eis o recôrte:

«Em 210: 717 homens, 21:021 declararam se catholicos, 4.410 protestantes, 31:166 livre-pensadores, 137 israelistas, 594 atheus, 110 anti-religiosos, 13 espiritas, 73 deistas, 149 neutros e indifferentes, e 3 mahometanos. Houve ainda 240 que se recusaram, declara do-o, a dizer qual a sua religião e 141:173 que se abstiveram de qualquer declaração sobre o assumpto. Mas a particularidade mais curiosa é esta: 1:622 individuos affirmaram professar a «religião do Estado». Vejamos agora as mulheres. Em 223:719, declararam se catholicas 54:193, protestantes 5.931, livres pensadoras 22:031, israelistas 189, atheistas 252, anti-religiosas 73, espiritas, 7 deistas 121, neutras e indifferentes 135: mahometanas 2, recusara n-se a declarar 297 e abstiveram-se 135: 72. Houve tambem 1:443 mulheres que disseram professar a «religião do Estado»!»

Como documento estatístico, o tal censo, a avaliar pelo resumo, é de fazer descozerem-se em risadas os alumnos menos aptos á respectiva cadeira universitaria coimbrã. *Dicant paduani*... A diversificação methodisada com rigor scientifico, que caracteriza e define todo o valor pratico da estatística (que aliaz, talvez o medico não saiba, é mais que discutivel com o argumento) anda no censo ás testilhas com o bom senso. (1) Os numeros apontados enfermam de inver-

similhança por deficientes; e quanto a classificão's, declaro não aferir diferenças entre estas espécies zoológicas:—*livre pensador, atheu, anti-religioso*.

E se eu agora revelar aos leitores que exstasiada ante os algarismos de Souza Junior a gazeta concluiu «não serem precisas duas gerações para a negociata de Loyola cair por completo...», na cola do auctor da *intangivel*, occultando imbecilmente as clausulas da tal *negociata de Loyola*, que deve ser como os elixires para aparar o lapis; o leitor fica muito justificadamente duvidando da mentalidade do clinico director da gazeta que promete acabar, mail'os collegas da mesma força livre-pensadeira, dentro de 30 annos, com os catholicos do paiz que elle julga serem apenas os problematicos 21.024 homens e as não menos problematicas 54.163 mulheres do famoso censo de 1911.

Longe vá o agoiro, mas se os *recipes* do clinico democratico são de força das do jornalista do semanario concelhio, em menos de duas gerações elle é capaz de reeditar a paz de Varsovia n'esta corda extrema da Europa! A raça dos Homais, caricaturada por Flaubert, e prestes a extinguir-se na França que lhe foi berço, expeliu os derradeiros abencerragens do anti-clericalismo asatico para o Portugal republicano, a fim de poderem cá morrer com necrologio de homens de sciencia, uma vez que na propria Patria falleriam crivados de sarcasmos, nos palcos *boulevardiers*, e nos cafés paluridios, inchados de bebedeira. E' por isto mesmo que José do Valle tem leitores...

Mas o censo de 1911 offerece ainda uma lição:— a d'aquelles 240 machos que se recusaram a dizer qual a sua religião, e a d'aquell'outros 141: 176 que se abstiveram de qualquer declaração sobre o assumpto! Altissima lição que revela bem a exterioridade de crenças a que por longos annos se reduziu o catholicismo em Portugal, e da qual ficaram como semente para a futura restauração do tirono aquelles 1:622 homens e 1:443 mulheres que disseram professar a *religião do Estado*! Esses, como o célebre cacique, é que nunca mudaram: estar em materia politica sempre com o governo, e em materia religiosa seguem, não os Bispos nem os Parochos, mas o Estado e o Estado *for ever*!

Bem vasculhada, entre a massa dos 276: 793 abstençionistas (o termo applicavel não é bem este...) de-ve aparecer uma pesada maioria d'aquelles *religiosos do Estado*, contra a qual hoje luctam em Lisboa os primeiros—e brillantes são elles—padres da *Separação*.

Foram elles (não é verdade, ó Dr. Pereira dos Reis?) que permittiram com a sua religião *do Estado*... de repouso, para não dizer de estagnação, que o meu amigo fosse encontrar lá para os Anjos, como tão sentidamente me contou com horro e com a piedade da sua bella alma de padre, aquellas nuvens de rapazitos, de seis, sete, oito e dez annos, e já polluidos, e tendo já estampada nas faces a pallidez febril dos vicios mortaes!

Foram elles...

... Assim vinha eu reflexionando pelo caminho, com a gazeta radical no bolso, e o espirito entristecido no meio da fragancia lusolada da manhã que começava a subir.

F. V.

(1)—Infelizmente ainda não houve maneira de refuzir a estatística o numero de sensatos em Portugal...



Vida Intensa



Por J. de Faria Machado.

Divagando

BMQUANTO o mundo morre de sêde, abraza, faminto, nas courelas cobertas de pó nos milharaes ressequidos, nos hortos calcinados — toda a campina pulverisada d'uma poeira de morte como as cinzas d'um brazeiro sinistro — o paiz bebe e mergulha á farta nas thermas e nas praias. Dir-se hia que uma era bonançosa deslisa facil, que vão longe os dias amargos de convulsão e que o *S. Miguel* vae ser de farta e compensadora abundancia, tal a alegria despreocupada com que toda esta bôa gentinha de Deus, bebe e bula nas fontes e nos casinos, roletea pelas noites, canta e ri n'um alheamento que é mais do que um symphoma, porque constitue um verdadeiro estigma de maldição, sobre uma raça perdida que obstinada e inconsciente, dança e rodopia á beira do tumulo. Enquanto os mais complicados problemas se enredam nas malhas estreitas d'uma meada macabra, que nem mesmo as habilidades d'um presidencialismo *snob* conseguem desmvelhar; que a ordem periga n'uma instabilidade que apavora, o sr. Sidonio Paes, digno representante do seu povo, se não bebe a agua da realenga fonte dos passarinhos, sorve, a largos haustos, o ar sadio da recatada Pena e, passeia os seus sonhos e os seus projectos, pelas alêas sombrias da aristocratica Cintra, se não com arautos pelo menos com batedores. . . .

O paiz diverte-se á farta e os homens do paiz á farta se divertem, completamente alheados do futuro tragico que se avizinha, extranhos a tudo que não seja o deslumbramento do poder, desvanedidos, desvairados, n'essa gloria d'emprestimo, que tem o seu quê de miseria e de grandeza, o seu ar emprestado de fausto theatral. A dez mezes da revolução, nenhuma das fantissimas aspirações de tantissimos portuguezes foram attendidas ou satisfeitas, e assim nós luctamos com a mesma falta de pão, ora aggravada pelas consequencias tragicas d'um anno esteril; a ordem vive da mes-

ma confusão de boatos; pela mesma esteira de pavor vae singrando aos arrancos, a desmantelado nau do estado; a nossa representação nos campos de batalha continua sendo uma vergonha e um crime. Gosa-se de liberdade, dirão sentenciosos, os varios Accacios jarrôes, que ora tripudiam e mandam (veneraveis exemplares d'uma fauna veneranda que só surge quando não ha perigo), e olympicos fulminarão a sinceridade com que lamento a marcha rapida e inevitavel com que caminhamos para o abysmo.

Liberdade?! Evidentemente a formiga já não nos zurze as costas e os varios *Lepines-Petroffs* não desandam com as nossas veneraveis carnes, para a sombra de lobregas massomras; já não vivemos sob a pressão (que elles não sentiram) do chicote demagogico, mas tambem não boiamos n'um mar de rosas porque, afinal, não somos dos que vão na cantilena das sereias, centristas, nem jámais pensamos a abordar aos fragões limosos do presidencialismo redemptor. Liberdade?! Sim, sim uma liberdade—licença, uma liberdade que nas mãos do sr. Sidonio nos parece um pouco um premio de professor. Uma liberdade que auctorisa e consente todos os manjós dos que só escutando as ambições e os interesses pensam arrastar-nos para o abysmo, uma liberdade que é um *biberon*, que se alarga quando a *republiquinha* chora que se aperta quando a *republiquinha* ri. . . .

E assim vamos vivendo — o paiz bebendo á farta nas thermas, mergulhando nas praias, ensaiando-se talvez para o mergulho final que meu Deus, já ninguem evita a não ser, que d'uma vez para sempre aquelles que tem na mão a força e portanto os destinos d'uma patria acabem tambem de vez com umu situação que já foi tragica e que ora ameaça liquidar pelo ridiculo. . . .

Se não?! Se não, morrer. . . . Ora eu não acredito em suicidios! . . .

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA PALPERRA.

LII

O nariz na linguagem.

DEVE ter havido extravio de um dos meus serões, quando vim de longa para este refiro montanhoso, accommodado á meditação.

Não quero, porém, que haja interrupção nestes serões semanees que duram ha um anno, mercê de Deus. Porisso, emquanto se não repara o desconcerto, adianta-se o serviço fallando do nariz na linguagem.

Já tocamos levemente este ponto quando tratamos dos *narimelidos* e vimos o que a lingua allemã tirou... do nariz. E se me eu esquecer lembrem-me, que hei-de contar um caso passado com o nariz da esposa do actual kaiser.

Em todas as linguas o nariz forneceu metaphoras á linguagem.

Em portuguez temos essas metaphoras compiladas com equívocos num capítulo da famosa obra *Feira dos Anexins*, de D. Francisco Manuel de Mello, Part. I, Dial. I. Pena é que tão pouco se leia aquelle livrinho, que podia ser, segundo Herculano, «manual para os escriptores dramaticos, principalmente do genero comico, que quisessem fazer fallar as suas personagens com phrase conveniente, e com as graças estylo proprio da nossa lingua portuguezã e do verdadeiro estylo dramatico cousa a mais difficil, talvez, neste genero de litteratura, e de que tão arredios andamos que ora o começam a cultivar entre nós, embuidos dos destemperos, escarceos e expressões falsissimas, que aprendem pelos jivros do visconde d'Arincourt...»

Cortamos aqui o enorme periodo e transcrevemos o capítulo da linguagem nasal:

—Oh! Lá vem Fabio com o *nariz* no ar, todo senhor do seu *nariz*.

—E' homem, que sempre lhe *fedo* o mundo.

—Dous dias ha, que elle era um *fedelho*, e já hoje, com a honra posta na ponta do nariz, presume de gente.

—Já quer metter o seu *nariz* etc.

—Cá estão vossês? Logo me deu o *faro*.

—De Faro vem, meu senhor? Cuidei, que do Perú, pelo *monco*.

—Não sou tão *ranhoso* como elle.

—Já lhe chegou a mostarda?

—Sim, e olhe não lhe dê nos *narizes*.

—Vossê metta-me aqui o *nariz*.

—Não fallemos em mostarda em materia de equívocos

—Antes ao intento é adubo.

—Não me *cheira*.

—Não; mas por mostardilha bem pode gostar-se.

—Senhores, a metaphora está picante, venha *tabaco* melhor anexista para cheiro.

—Elle o disse com os seus *narizes*.

—Isso é mais velho que *narizes*.

—Boa está a *Tabaqueação*.

—*Tabaqueação*! Nem fumos d'isso.

—Deixemos satyras senão irá tudo em uma poeira.

—Escusado disfar-se; que tambem você é uma boa caixa sem ser d'oculos.

—Sou melhor do que na amostra.

—Bem sabemos, que na cidade não ha outro.

—Assim como sou faço *assim* — monte.

—Bom equívoco! Couseas *aventa*!

—Ora *assõe*-se lá com aquelle.

—Limpe-lhe lá vossê o *pingo*.

—Por bom estylo me chama *alambique*; emfim, são *lambisqueiros* da pinga.

—Pouco fallar em *alambique*, que o seu *nariz* por ser raro, parecerá soldado.

—Elle é muito captivo de vossa mercê.

—Antes de negro, que de *calvalle*.

—Agora se faz elle como o sangue do *nariz*.

—Não temos nada de cavalleiro do calvario; e logo se vê em não ser o *nariz* tanto de fila.

—Frio como o *nariz* de cão esteve o equívoco.

—D'aquelle não tem que temer aos *almofaccis*.

—Porquê?

—Porque está *afilado*, como os seus *narizes*.

—«Pastores de Maçanares,» etc.

—Se não fôra tão *fanhoso*, era *façanhoso* musico.

—Mas a que proposito vem a *antiguinha*?

—Vossê não repara, que falla em *nariz*? Os equívocistas hão de ir atraz d'um equívoco, mas que dêem com os *narizes* em uma esquina.

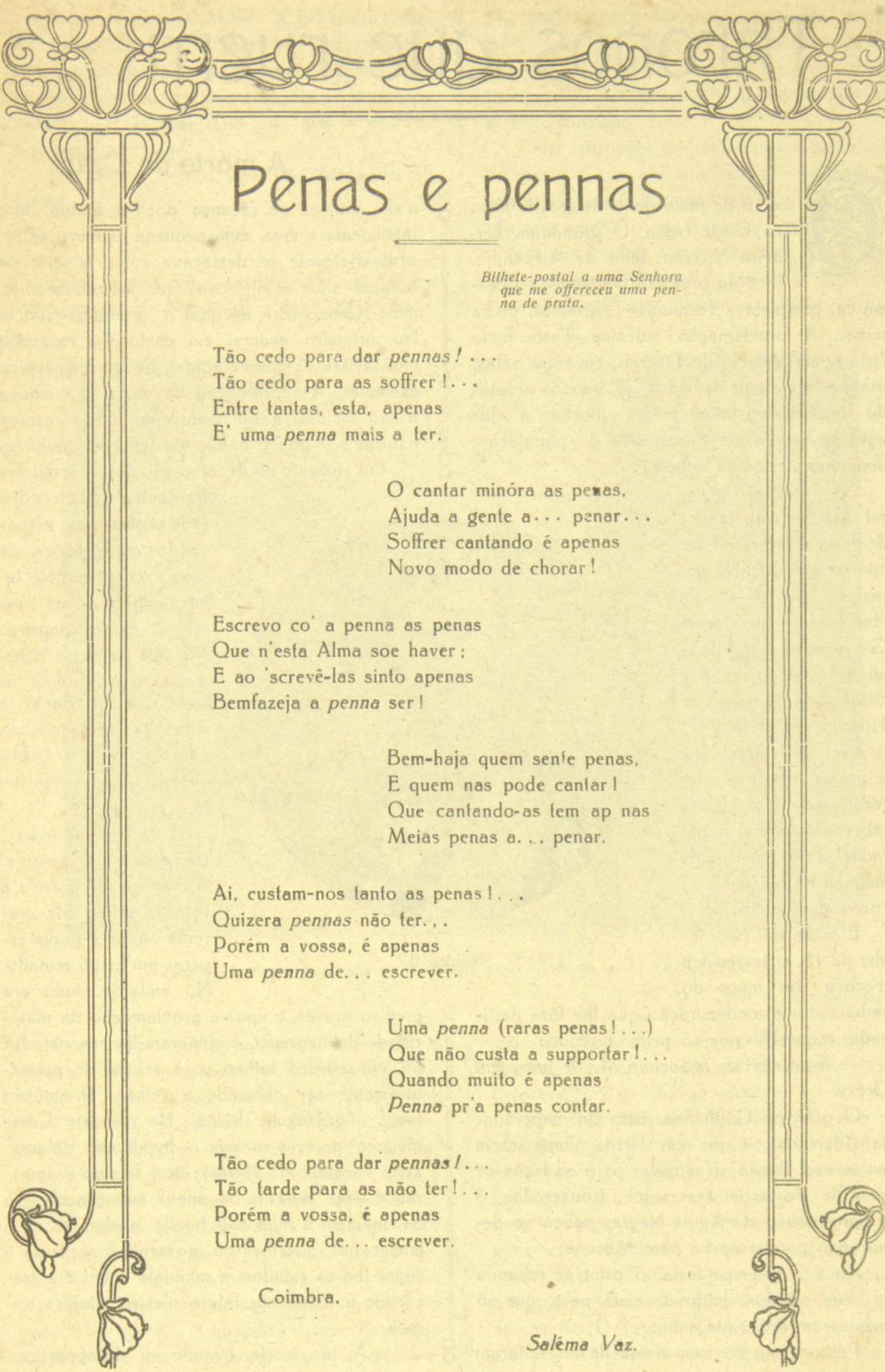
—Longe o foi buscar.

—Pois quê? Sempre havemos de ir em direito do *nariz*?

—Pois o mais é querer quebrar os *narizes*..»

Uma coisa gostava eu que algum dos muitos mil leitores da *Illustração* me dissesse, se acaso o sabe: que *antiguinha* era aquella *Pastores do Maçanares*, a que se refere no dialogo, D. Francisco Manuel de Mello, e que *falla em nariz*? Não sou capaz de dar com ella nem me lembro de a ter lido. Se algum leitor sabe onde ella está, muito grato lhe ficaria pela indicação este frey Gil que é agora mais que nunca... da Soledade, como o seu homonymo atheniense!





Penas e pennas

*Bilhete-postal a uma Senhora
que me offereceu uma pen-
na de prata.*

Tão cedo para dar *pennas!* ...
Tão cedo para as soffrer! ...
Entre tantas, esta, apenas
E' uma *penna* mais a ter.

O cantar minóra as penas.
Ajuda a gente a... pensar...
Soffrer cantando é apenas
Novo modo de chorar!

Escrevo co' a *penna* as penas
Que n'esta Alma soe haver;
E ao 'screvê-las sinto apenas
Bemfazeja a *penna* ser!

Bem-haja quem sente penas,
E quem nas pode cantar!
Que cantando-as tem ap nas
Meias penas a... pensar.

Ai, custam-nos tanto as penas! ...
Quizera *pennas* não ter...
Porém a vossa, é apenas
Uma *penna* de... escrever.

Uma *penna* (raras penas! ...)
Que não custa a supportar! ...
Quando muito é apenas
Penna pr'a penas contar.

Tão cedo para dar *pennas!* ...
Tão tarde para as não ter! ...
Porém a vossa, é apenas
Uma *penna* de... escrever.

Coimbra.

Salêma Vaz.

Thronos que ruem...

A morte do Czar.

O dia 18 de maio de 1884 era de festa na Córte russa. O granduque herdeiro Nicolau, filho de Alexandre III e da princeza Dagmar da Dinamarca, completava 16 annos. Era maior, podia reinar. A proclamação solemne d'este facto faria-se no Palacio de Inverno, em cujas salas, trinta e tres annos volvidos, os bandos acratas do bolchevismo louco viriam entornar a eloquencia tonifruante e selvática do populacho, dominador, e a sua sujicie...

Na véspera o general Alpert, embaixador de França, fizera-se transportar á residencia imperial, a fim de annunciar que o presidente Grévy enviava ao juvenil principe o grande cordão da Legião de Honra.

— Quero deixar-lhe o prazer de lh'a oferecer, meu car general, respondera o imperador. Entregar-lh'a ha amanhã na recepção do corpo diplomatico.

E assim foi. Na manhã de 18, o tzarewitch recebeu das mãos do embaixador a condecoração que lhe fôra destinada, e que elle poz ao peito, dizendo:

— *Je remercie beaucoup M. le president Grévy.*

O principe Guilherme, neto do imperador da Allemanha, e que em 1914, n'uma carta memoravel, havia de appellar para os laços de amizade do então tzarewitch, trouxera-lhe o grande cordão da Aguia Negra, pouco se demorando porque patia para Moscou.

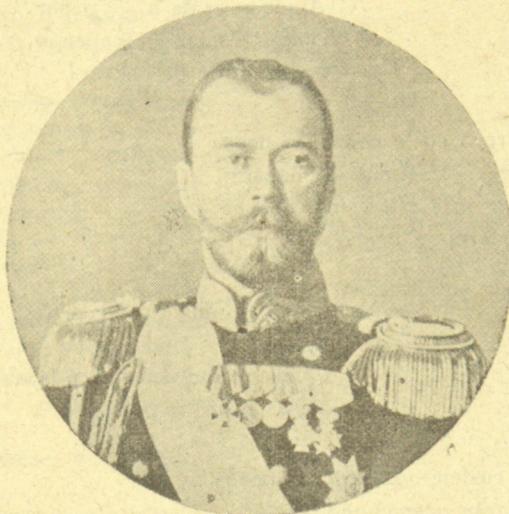
Apoz a pequena festa, o principe retomou os seus estudos, junto de seus paes, que só terminaram aos vinte annos.

Pessoas que o viram n'aquelle dia, notaram

n'elle um ar de creança docil e timida, mas intelligente e viva, cuja pequena estatura extraordinariamente se destacava entre a serie de homens altos e vigorosos que salientava a familia Romanoff, e da qual o granduque Nicolau, primeiro general em chefe dos exercitos moscovitas na guerra actual, ficou como typico exemplar. A accentuação de voz testemunhava a sua timidez, a sua discreção, a sua reserva natural e o pouco habito de fallar em publico.

Foi sómente no decurso dos annos seguintes que, sob a vigilancia dos seus professores, e graças ás suas lições, ás suas excursões pelo futuro imperio, e ás suas viagens no estrangeiro. Nicolau começou a tomar contacto com o mundo, a amoldar se á vida de esplendoroso apparato que viveria quando cingisse a corôa.

Esse momento parecia então muito distante. Alexandre III gosava a robusta saúde dos quarenta annos e podia esperar um longo reinado. No entanto, tudo era



Nicolau II

preciso prevêr, e apoz a proclamação da maioridade do herdeiro, escolheram-lhe um curador ou conselheiro intimo para o caso de prematuramente ser chamado a reinar. Precaução inutil — pensavam todos. Na propria Córte ninguem parecia encarar a hypothese da proxima vacatura do throno; nem mesmo o imperador, que durante os annos subsequentes a 84, mantem o filho sob tutela, abstem-se de o iniciar nas questões do governo, e se limita a vigiar-lhe os estudos, a mandalo viajar e a traçar-lhe a conducta futura n'estes simples termos:

— A tua tarefa, quando eu desaparecer,

nsistirã em continuar-me. A imperatriz fallalhe do mesmo modo. Mais tarde, quando elle reinar e lhe pedir consulta, serã sempre recordando o chorado esposo que darã os seus conselhos: — «Teu pae teria feito assim» — «Teu pae não faria isso».

Dez annos depois, em 94, Alexandre III morria.

Estas brevas notas patenteiam o que faltava na educação de Nicolau II, e nós encontramos-lo

phe immensa dos Mesurios, com que Hindemburgo barrãra, com montes de sanguentos corpos de afogados e metralhados, o caminho triumphal da invasão da Prussia oriental, berço dos Hohenzollern rivaes!

Quer isto dizer que elle era um governante incapaz? Certo que nos faltam hoje ainda informações exactas e precisas. Mas podemos já declarar que Nicolau II nunca perdeu a clara noção dos deveres a cumprir, para com a França, e para com o seu povo, introduzindo felizes reformas com que julgava continuar a obra



Regoa — Um trecho da Quinta do Miradouro propriedade do sr. dr. Antão de Carvalho

(Cliché de Antonio Teixeira)

no throno com aquelle ar tímido, reservado da infancia á frente de todas as Russias, refugiando-se na querida vida familiar, sempre que podia, visitando as guardas de Pobieski, interrogando os soldados sempre da mesma maneira, entregando-se á jardinagem, sonhador bom e mystico como um pae, na terra dos mujicks e das estepes, que elle amava com um ardor de cossaco, como se viu ao estalar da guerra, quando das varandas de Tzarkoiselo saudava a corda inferminavel dos regimentos que partiam para a voragem... e quando chorava de mágua na tarde em que lhe vieram contar a catastro-

paterna. Morto em novembro Alexandre III, em janeiro seguinte de 95 um diplomata acreditado em S. Petersburgo escrevia:

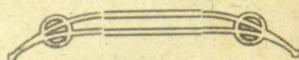
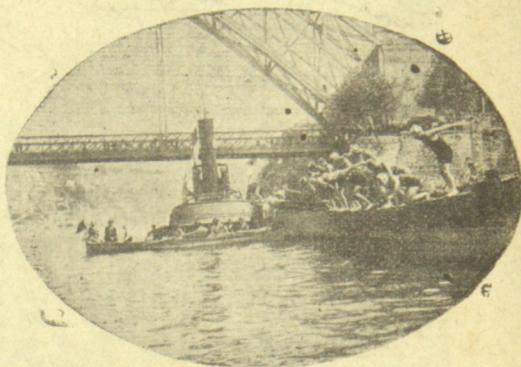
«Medindo a sua responsabilidade e a sua inexperiencia, Nicolau II atem-se a ficar no *statu quo* e a seguir as tradições que seu pae lhe legou. Só uma modificação se observa e sente; a supressão do regime policial que pesava sobre o imperio e sobre o proprio imperador. O novo Tzar rompeu com esta organização que os attentados nihilistas haviam tornado necessaria. Desprendeu-se d'ella, e essa vigilancia era tão pesada que desde a ascensão de



Nicolau, tem-se a impressão de viver n'uma outra atmosphera».

De um soberano que assim inaugurava o seu reinado, condemnando odiosos costumes policiaes perguntava com razão ha pouco, Ernesto Daudet, no *Figaro*, poderá dizer-se que era desprovido de valor?...

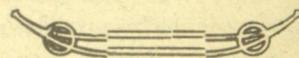
Em agosto passado completaram-se vinte annos desde o dia em que o conde Muravief indicava aos embaixadores das potencias um rescripto em que Nicolau II propunha a reunião d'uma conferencia internacional destinada a



PORTO — Natação — O campeonato dos cem metros

- 1) O sr. Antonio Fontes Junior × vencedor do campeonato de cem metros.
- 2) Largada dos concorrentes ao campeonato.
- 3) O sr. Pedro de Macedo × vencedor da prova dos cem metros (fracos).

(Clichés de J. de Azevedo).



gou como que uma veia de hereditario mysticismo pacificador, só rôta pelas estultas practicas d'uma superstição propicia a cortezãos intrigantes e a Raspointines d'aventureiros.

Aquelle ar reservado do Tzar em que transluzia uma tristeza, dizia-nos bem que elle era, afinal, a victima mais illustre e a mais inconsciente quiçá do tzarismo. Dava até por vezes uma estranha impressão de opacidade de consciencia e de fadiga. Uma

casta, que não classe, dirigente, organicamente incapaz de evolução, com quanto em alguns dos seus membros rebrilhasse uma alta valia mental e até moral, pessoalmente, impedia o amplo e comedido desenvolvimento das instituições politicas, que antecipando se aos justos clamores da vida da nação, estancariam, sendo mantidas com firmeza e criterio, a onda revoluciosa.

Nicolau II não pôde lutar contra ella, envolvido como estava na rêde deflagrante do dominio, do fôco da sua acção.

A memoria dos antepassados assassinados e a visão das ameaças sem tréguas, assentavam-se com elle á meza, agitando-se como sombras no seu espirito; atravessavam a doçura da sua vida familiar, como um cortejo de épicas ambições, acenando aos brios de um tyranno da Renascença...

Ha um não sei quê de tragicamente mysterioso que vae entontecendo a vida d'aquelle pobre Czar, cahido na trama da maior historia do occidente—como o chefe barbaro de uma horda mongólica, sob os golpes de um pequeno bando ebrio de furor frio, a góladas *vodka*!

Cahiu. Como homem, elle foi o melhor da sua côrte, o único honesto, n'aquella adúa de gosadores, de ladrões e de intrigantes que o

levava, inérte, no torvelinho das suas demencias. Abdicou no filho que elle amava ternamente e de quem se diz havê-lo precedido na morte, com palavras nobilissimas que por si só fazem o seu elogio perante essa corja enorme de forçados que, esses sim, renovaram na propria patria as façanhas dos tôrvoz tempos de Ivan, o terrivel...

*



A Virgem do Socorro

Devotissima imagem em honra da qual se fizeram, na Regoa, as brilhantes festas a que a *Illustração Catholica* se referiu em o numero anterior.

Cruce le necessité, murmurava Cromvel ante o corpo decapitado do rei Carlos. E Danton não julgava indispensavel atirar como um desafio á Europa a cabeça de Luiz XVI? A Europa de 1790 não se mexeu. A de 1914 está na Murmania e em Ps-kom e na Ukrania. Alliados e centraes disputam entre si agora quaes primeiro porão termo á grande vergonha do bolchevismo, a essa revolução que parvos ou criminosos apontavam e apontam como modelo, puro de sangueiras, e que afinal se mostrou qual é, manchada por um regicidio (como o de 1910 entre nós) — sem grandeza!

Bainville escrevia ha pouco com plena razão: «No termo do cyclo rápido de todas as experiencias, igualmente desastrosas, que desde

março de 1917, veem sendo feitas, só uma coisa ha a tentar: a volta da monarchia».

Pobre Czar!

Um jornal russo, o *investija*, começou a publicação de uns extractos do diario das *Memorias* que desde 1872, Nicolau II vinha escrevendo. Como elles dizem a sua angustia e traçam a sua personalidade! A primeira anotação refere-se aos primordios da revolução. O Czar escrevia a 12 de março de 1917:

«Em S. Petersburgo começaram ha alguns dias umas desordens. Desgraçadamente, tambem n'ellas interveem tropas. Produz terrivel impressão estar tão longe e só receber noticias desfavoraveis. Ouviu uma brève informação. Passei pela estrada de Orscha. Depois de almoço resolvi partir para Tzarkoieselo. A' uma da madrugada subo para o comboio.

Este, Danilon e Sawitsch jantaram connigo. Gastchina e Luga, igualmente occupadas pelos rebeldes. Ignominia e vergonha.

Não consegui continuar a viagem até Tzarkoieselo, estando alli constantemente o meu pensamento. Quão penoso não deve ser á pobre Alice passar por tudo isto! Que Deus nos ajude a todos.



13 de março—A's trez e um quarto deitei-me, depois de ter demoradamente conferenciado com Ivanoff a quem mandei com tropas a S. Petersburgo para restabelecer a ordem.

14 de março—Vim de noite da estação de Wischer por estarem as de Ljuban e Tossno occupadas pelos rebeldes. Passei por Waldajano Pskom, onde pernoitei. Vi Russkij.

15 de março—Pela manhã Russkij ch'gou e leu-me a larga conversação tida pelo telephone com Rodzianks. A seu vêr, a situação em S. Petersburgo é tal que já seria impotente um ministerio da Duma, porque o partido social democrata, encarnado no *soviét* operario, trabalha contra.

A minha abdicção é necessario.

Russkij transmittiu esta conversação ao quartel genera



BRAGA — A *Peregrinação ao Sameiro*. — Alguns aspectos do imponentissimo cortejo religioso ao atravessar as ruas da cidade

- 1) Irmandade de N. Senhora do Sameiro levando arvorada a sua linda Cruz de prata.—2) Bandeira e associados da Congregação de N. Senhora da egreja do Seminario.—3) Pia União das Filhas de Maria, da Feira Nova (Amares), com o seu lindo estandarte e director P. Costa Azevedo.

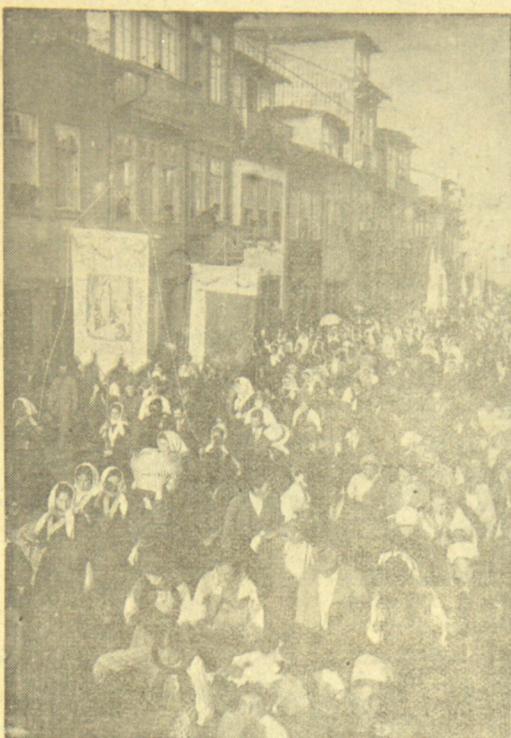
e Aleixeff passou-a ao commandante em chefe. Ao meio dia e meia hora receberam-se respostas de toda a parte. O seu conteúdo principal era que, em nome da salvação da Russia, e para manter a ordem no exercito do *front*, era neces-



de Kodinka, em Moscow. Immensa multidão acorrera ao espectáculo. A certa altura, crendo erradamente que começara a distribuição dos dons, precipitou-se para a frente n'um enorme movimento. Os estrados abatêram, milhares de pessoas ficaram esmagadas...

E a lembrança d'aquella catastrophe projectou-se como uma sombra sobre o animo do czar assassinado, por um selvagem *soviet* de provincia; e sobre a Russia inteira repentinamente tomada do panico delirante das revoluções bestiaes, e volvida tambem, sob o farrapo negro que sêrve de gonfalão á tyrannia leninista—n'um immenso campo de Kodinka, onde milhões de homens se esmagam na ancia de agarrar com a mão um pouco d'oiro phantastico... que rola para o abysmo das nações!

F. d'Almeirim.



Dia União das Filhas de Maria, de Braga.

PORTUGUESES!

OS PRISONEIROS DE GUERRA PASSAM PRIVAÇÕES

Enviai á Junta Patriótica do Norte—Paços do Concelho—Porto— generos ou roupa, que esta os fará chegar ao seu destino.

sario decidir-me a dar este passo. Acced. Do quartel general mandaram um esboço do manifesto de abdicação.

De noite, chegaram a S. Petersburgo Gutschkow e Schulgin com quem tive uma conferencia e a quem entreguei um manifesto firmado e reformado.

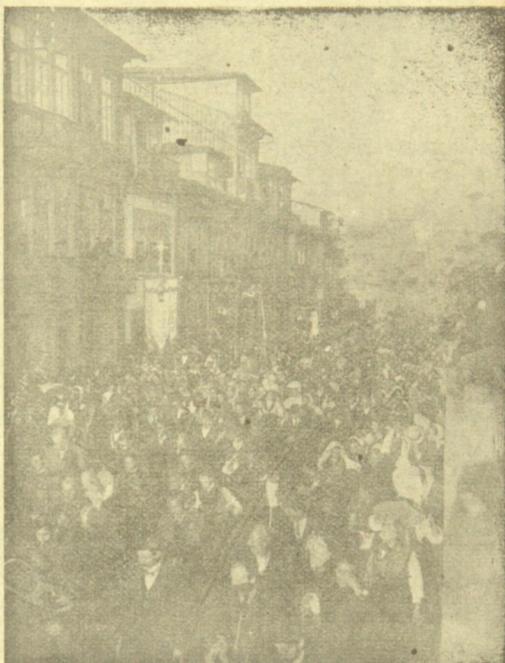
A' uma da noite parti de Pskom com uma profunda impressão de tudo o que vi. *Em volta de mim traição, cobardia e engano!*

Não é dolorosissimo o desabar de um homem? Não se revê no fim de Nicolau II, o fim de muitos outros soberanos, tombando no meio das traições, das cobardias, dos enganos?

Conta uma antiga lenda russa que uma velhinha prophetisára ao primeiro dos Romanoff que a dynastia começaria por um Miguel e por um Miguel terminaria.

A prophacia cumpriu-se. O granduque Miguel *sucedeu* ao Czar alguns dias como regente, quando Nicolau II e sua familia iam já a caminho da Siberia, fria e desolada...

Alli, o imperador repercorreria os seus 50 annos, detendo-se no dia da festa da sua coroação. Era em maio de 1896 no vasto campo



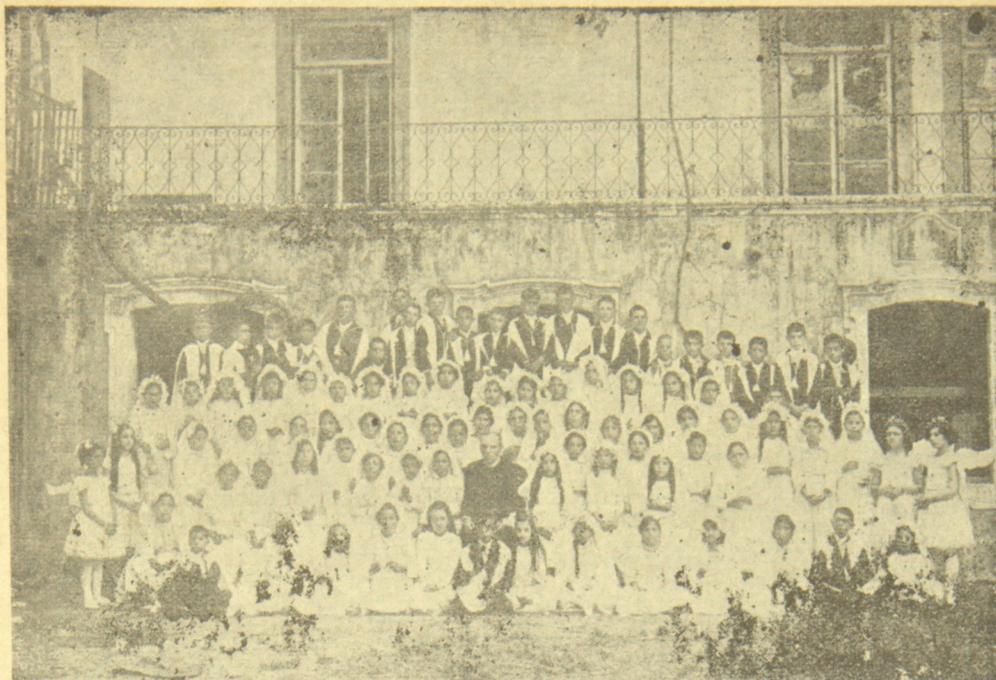
Varias associações religiosas da cidade e arredores.



Bandeiras da Juventude Catholico, Filhas de Maria (do Populo)
e do Collegio dos Orphãos de S. Caetano.



Aveiro — Grupo de creanças da freguezia da Gloria no dia da sua primeira comunhão.



Aveiro — Grupo de crianças da freguesia de Vera-Cruz que fizeram a sua primeira comunhão este anno.

GUERRA EUROPEIA



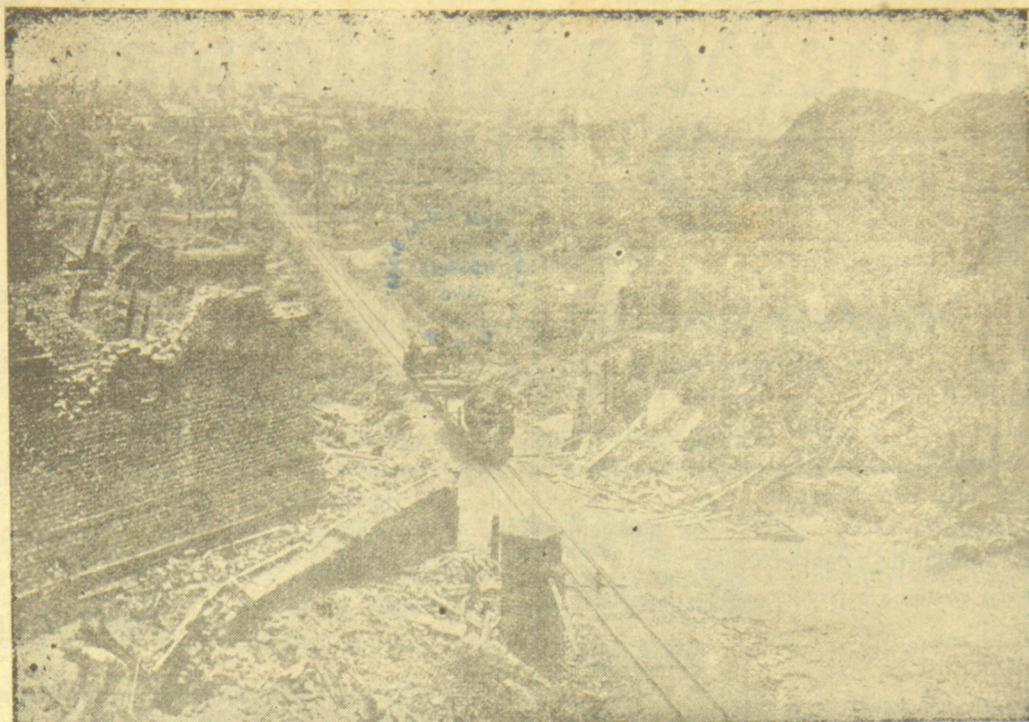
Cenhão de artilharia de montanha fazendo fogo contra o inimigo.



Uma comissão official hollandesa offerecendo um ramo de flores ao porta-bandeira do regimento n.º 230, por ocasião da festa do 14 de julho, em Paris.



Regimento de soldados escoceses desfilando em frente às tribunas do Bosque de Bolonha, no dia 14 de julho.



Linha ferrea estabelecida pelas tropas inglezas a traves d'uma povoação arrasada pelos allemães.



Contigente de mulheres policias atravessando as ruas de Nova-York.

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

Bom conselho

Ha acceza a disputa entre o marquez de Villa Real, D. Fernando, e um capellão que queria ajustar. Queria o capellão quarenta mil reis, offercia trinta o marquez. Um creado antigo veio á disputa, conciliando:

— Prometta-lhe v. senhoria os quarenta mil reis e pague lhe como aos mais.

Nunca costumava pagar.

Pae e filho

Filippe, pae de Alexandre Magno, era acusado de ter filhos de differentes mulheres, e tendo-lhe o seu valente successor advertido que outros tantos inimigos lhe ficavam para a herança do imperio, respondeu-lhe:

— Antes quantos mais competidores te ficarem mais te lembrarás de ti, empenhando-te a mostrar que não deves o imperio á tua fortuna, mas ao teu merecimento.

Resar em latim

Madame de Gue, mãe de Madame de Coulinges, costumava resar em latim e advertindo-a a filha de que seria melhor pronunciar as orações em francez, respondeu lhe:

— Não, minha filha, porque quando se entende o que se diz distrae-se o espirito.

A maior mercê

Quando falleceu o alcaide-mór de Castello de Vide, Vasco Henriques de Mello, já seus filhos serviam a Patria. Foi, então, pedida por certo conde a D. João II aquella alcaidiamór, e o rei respondeu-lhe:

— Maior mercê, que a que me pedes, te faço, e é guardar segredo de pretenderes o que é d'aquelles filhos que já andam com a lança na mão.

Conveniencia

A Mlle de Blois, filha natural de Luiz XIV, que estava prestes a casar-se com o duque de Chartres, disse Madame de Caylus:

— Ignoraes que o duque está enamorado de Mlle. de Bourbon?

— Não me importa. Eu só pretendo que elle case comigo.

Mulher, rainha e italiana

Alguns soldados murmuraram de Catharina de Medicis, rainha de França, e tão imprudentemente que ella os ouviu. Quiz o cardeal de Lorena que fossem enforcados, mas a rainha acudiu:

— Perdoo-lhes. Quero deixar á posteridade exemplo de que uma mulher, rainha e italiana, soube dominar o seu resentimento.



— O' mamã, d'onde é que se tira o sal?
— Da agua salgada.
— E o assucar é da agua dôce?...

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas:—**ORUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Complete sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres
e marítimos, grêves, e tumultos em mobílias
e edificios particulares, segura a Companhia
Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
n.º 2.—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sot.
o Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoa
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Roeha

Largo do Berão de S. Marinho — BRAGA.

Luneta de Ouro

Officinas de escultura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, eutelarria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^o Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA